

O vício de falar comigo mesma – Março de 1977 e Outubro de 1979

The Vice of Talking to Myself – March 1977 and October 1979

Autoria: Rochelle de Sousa Guimarães

 <https://orcid.org/0000-0003-0444-5616>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.179991>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/179991>

Recebido em: 16/12/2020. Aprovado em: 16/06/2021.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 10, n. 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

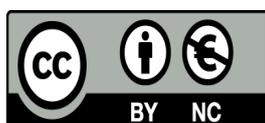
Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  fb.com/opiniaes

Como citar (ABNT)

GUIMARÃES, Rochelle de Sousa. O vício de falar comigo mesma – Março de 1977 e Outubro de 1979. *Opiniões*, São Paulo, n. 18, p. 535-545, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.179991>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/179991>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

o vício de falar comigo mesma - março de 1977 e outubro de 1979

The Vice of Talking to Myself – March 1977 and October 1979

Rochelle de Sousa Guimarães¹

Università degli Studi di Roma Tor Vergata

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.179991>

¹ Doutoranda em Estudos comparados: língua, literatura e arte pela Università degli Studi di Roma Tor Vergata. Mestre em Teoria Literária pela UFRJ (2020). E-mail: rochelleguim1@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0444-5616>.

Resumo

Tradução de trechos extraídos do primeiro volume dos "Cadernos" (Taccuini), organizados com o título *O vício de falar comigo mesma (Il vizio di parlare a me stessa)*, de Goliarda Sapienza, artista, escritora e atriz italiana.

Palavras-chave

Goliarda Sapienza. Escrita feminina. Tradução literária.

Abstract

Translation of excerpts taken from the first volume of the "Notebooks" (Taccuini), organized under the title *The Addiction of Talking to Myself (Il vizio di parlare a me stessa)*, by Goliarda Sapienza, Italian artist, writer, and actress.

Keywords

Goliarda Sapienza. Female writing. Literary translation.

nota introdutória

A Goliarda Sapienza escritora nasce da morte. Nasce como insistência e tentativa. Diante do trauma da perda da mãe, em 1953, a escrita de *Ancestrale*, obra poética que é “ato de nascimento” da escritora, dedicado à memória e às pulsões de uma mulher inquieta, é busca de uma via de saída da imagem rígida da dor, é também esforço para articular o trauma pela escrita. Para não morrer totalmente na perda, resistir à depressão, às internações em hospitais psiquiátricos, às tentativas de suicídio e até mesmo às sessões de eletrochoque, Goliarda parece escrever instigada pela urgência de não emudecer, de não enlouquecer – ou não enlouquecer de todo – de gritar para sobreviver.

Falou-se da Goliarda escritora, porque existiu a Goliarda atriz. A Goliarda Sapienza do cinema neorrealista italiano e do teatro de vanguarda. E foi essa Goliarda que ficou, ainda que apenas de certa forma, conhecida na Itália até o ano de sua morte, em 1996. Em vida, a escritora permaneceu no quase anonimato. Depois de *Ancestrale*, que veio à luz postumamente, seguiram-se *Lettera aperta e Il filo di mezzogiorno*, publicados respectivamente em 1967 e 1969, ambos testemunhos de memória, trabalhos marcados por traços autobiográficos, preenchidos pelos lugares da infância. Entre 1969 e 1976, Goliarda cede lugar ao universo ficcional e escreve *L'arte della gioia*. Nesse universo, está a impenitente e escandalosa Modesta. Dessemelhante ao nome, não-idêntica ao próprio destino, Modesta narra, em primeira pessoa, a violência e o desejo, ou a violência do desejo, que marcam a história de uma mulher irresignada a si mesma e à sociedade. Goliarda pagou por Modestia o preço da recusa à lógica classificatória. O livro, que hoje é aclamado como a obra-prima da escritora na Itália e na Europa, permaneceu silenciado em uma gaveta por quase 20 anos. Uma Itália de homens-*Casanova*, para falar com Fellini, que se apela, na retórica poética, às virtudes e à beleza femininas, tornando plástica toda relação com a mulher, (com)preendendo e representando a mulher sob a agressividade misógina, não poderia receber Modesta. Uma escrita que se faz viva passando pelo trauma, que des-essencializa a mulher dos homens, resiste a ser fagocitada enquanto reclama seu não-lugar.

* * *

Os dois trechos aqui traduzidos – Março de 1977 e Outubro de 1979 – foram extraídos do primeiro volume dos *Cadernos (Taccuini)* de Goliarda, organizados com o título *O vício de falar comigo mesma (Il vizio di parlare a me stessa)*. O manuscrito, no total, é constituído de quase oito mil páginas. Páginas que revelam as circunvoluções de uma mulher que escreve. Páginas que se abrem a reflexões políticas com a mesma intensidade com que se entrega aos impasses íntimos de uma escritora que não cessa de procurar a palavra; páginas que transitam livremente entre prosa e poesia, entre a dor de não ter tido filhos e rostos de conhecidos e desconhecidos que se traduzem em narrativa. Revelam ainda um pouco da mãe. Maria Giudici, sindicalista, feminista, figura de incontestável relevância no cenário político italiano e mãe de Goliarda, exerceu forte influência na visão de literatura da escritora. A filha herdou da mãe uma percepção de literatura engajada, seja com

a política ou com a verdade. De alguma forma, Goliarda evade clandestinamente essa fronteira em seus *Cadernos*, escrevendo para falar consigo mesma, privada e secretamente, organizando-se e sobrevivendo desta escrita que, principalmente nos últimos anos, depois das inumeráveis rejeições do mercado editorial, tornou-se sua forma de existir/resistir na escrita. A seleção dos extratos traduzidos se deu com a intenção de revelar indícios. Neles, surge o mar de Gaeta, onde ela passava longas temporadas com o companheiro Angelo Pellegrino, a sua difícil situação financeira, os impulsos de loucura e suicídio, a resistência interna e externa ao fascismo, o suicídio de um amigo, a dor de morrer um pouco todo dia diante de uma cruel realidade, mas sobretudo surge neles uma voz que fala por si mesma, uma voz de mulher que é dilacerada e dilacera, que faz e desfaz os lugares em que se enuncia uma fala feminina.

O vício de falar comigo mesma²

Desde que nasci, nada me surpreende, nada me entusiasma, no entanto este sem dor ou inveja pelos outros que “vivem”. Aos treze anos, vi minha irmã chorar desesperadamente e depois rir como somente ela sabe rir de alegria. A sua alegria me fez entender que ninguém podia ser bonito como ela. Ninguém, e entendi que, em breve, estarei morta. Entendi, sem sofrimento nem medo, como agora que morri há tempos e não me arrependo daquela que foi a vida.

março de 1977

O rapaz da tabacaria me disse que seu cérebro se cala, e depois acrescentou “e é melhor, porque estou mal”. Aprofundando o discurso, veio fora que ele supera assim as “crises” e que está convencido de que isso seja uma possibilidade que o cérebro possui, como uma válvula ou um interruptor que se apaga em caso de perigo.

Este rapaz tem um ar muito sensível e doce. E ignorante. O meu interesse deriva mesmo disso, é o primeiro “ignorante” que fala de seu estado emotivo sem usar a palavra “alma”.

Depois de cinco semanas, voltamos a Gaeta.

Quatro dias de sol e um de chuva. Tomei o segundo banho de mar deste ano de 77, a água era gelada. Os marinheiros dizem que em março a água é mais fria que em dezembro. Por quê?

As rochas pouco a pouco começam a florescer e os frutos do mar são mais doces. Estou feliz, é o primeiro ano que posso acompanhar as mutações do mar depois de trinta anos de “exílio” na cidade. Não temo mais o uso dessa palavra, exílio, que antes me parecia excessiva.

Partimos com as cinquenta mil liras que nos emprestou Carlotta. Vive-se pobremente... pobremente é um modo de dizer, porque comemos peixe barato (talvez o melhor), verduras e frutas e temos um chá muito bom.

Vimos *Saló* de Pasolini. Dispensa comentários estéticos ou éticos. Será considerado por aquilo que é: o produto de uma geração criada pelo fascismo. O fascismo para “eles”, é claro, permaneceu a sua primeira “realidade-imaginativa” junto ao catolicismo que, se nunca erradicado, não foi nem menos afrontado. Como disse e repeti, sobretudo a mim mesma para conseguir ser diferente, nascer nos anos vinte ou trinta é uma culpa dificilmente cancelável. Os melhores se suicidaram ou vivem como mortos na inação, por temor de terem absorvido o veneno do nazifascismo e da Igreja, e de se comunicarem exprimindo esse veneno.

² N.T.: Trechos publicados em Sapienza, Goliarda. “Marzo 1977” / “Ottobre 1979”. In: *Il vizio di parlare a me stessa*. Taccuini 1976-1989, Torino: Giulio Einaudi editore, 2011, pp. 19-20; pp. 96-99).

Fui capaz de me exprimir sem fazer mal? Serei capaz no futuro?

Saló repropõe em mim essa dúvida atroz que estava me levando à atrofia da voz e ao suicídio: somos – sem apelo – uma geração de fascistas?

Ou pior, as suaves franjas desfiadas de uma cultura pequeno-burguesa romântico-nazifascista do século XX, com pontas do mais sombrio e triste conformismo pós-aristocrático?

Novecento não escapa a essa atroz armadilha histórica. O pobre Bertolucci é um dos nossos, mas, tendo nascido depois, não o sabe.

É certo que a dimensão nazifascista existirá sempre? Não acredito: Ruggiero, Angelo e tantos outros – ainda que cheios de lapsos freudianos – começam a ser diferentes.

Não terei um filho (biológico, entendo). Essa é a dor mais profunda da minha carne e da minha mente, mas não quero chorar e exagerar os sonhos-pesadelos que essa condição, imposta a mim pela natureza, me desperta e, para falar a verdade, raramente, mas com uma periodicidade cruel e precisa: a cada final de mês, a cada mudança de estação e, infelizmente, como é previsível, a cada menino ou menina com quem cruzo. Um rosto de menino ou menina bonito, da beleza que lhes é consoante, não pode não te levar àquela condição de desejo de ter um filho da tua carne que se pareça contigo.

Procuro não dramatizar, mas, ano após ano, fui me dando conta que o coro modernista que diz: “Os filhos se inventam” não é verdadeiro.

Os filhos não são os teus amigos mais jovens ou coisa semelhante. Brutalmente posso dizer hoje que é a carne que necessita de um filho ou uma filha.

Mas se sabe: a natureza é avarenta e generosa, boa e ruim, bonita e feia, sem moral, como diz Angelo, e a mim cabe aceitar essa mutilação que, em meio a tantos dons, quis-me deixar de lado quando nasci. E, no entanto, faz mal, algumas vezes castra a imaginação, outras vezes, tira a fome, o desejo de abocanhar um pedaço de pão.

É a primeira vez que falo desta minha aflição com os outros e comigo mesma, mas não o farei mais. Não há nenhuma vantagem nesse “refletir punitivo”, nem para mim, nem para os outros.

Plantaram o cactus, o agave, a alfarrobeira. Tenazmente no meu profundo de lava. O agave, com seu abraço materno, freia a branca cólera da montanha. O penhasco, acúmulo imenso de fúria concentrada, atira-se sobre o azul implacável do céu.

Garras do agave a ferir o céu, o jasmim não acalma a tua ferocidade.

A esse ponto, dentro de mim, durante o sono, à noite, duas vozes conversam calmas ou iradas. Discutem ou apenas constataam os fatos do passado, do presente, do ser mulher ou homem.

O sonho me diz claramente que fui homem para conhecer os dilemas de mulher, mas esse “conhecimento”, com pesar, foi atroz, desolador, também se trágico e heroico com suas contradições brutais entre sentidos e mente. A outra voz

diz: “Espera. É agora, na maturidade, e em breve na velhice que se aproxima, que encontrarás o porquê de ser mulher, o significado, a beleza desta condição. Não pares. É esse o momento que a tua ação esperava. Não desertar logo agora que começas a entender”.

A primeira voz não se convence plenamente, mas entende que deve aceitar o conselho e esperar, procurar, embora receie que somente “intempéries de calores profundos da carne” ou “frios súbitos como neve fina” continuem a dilacerar o corpo da mulher, e eu não posso que lamentar a antiga condição que me mantinha estreita e lúcida em carne masculina.

Isso o sonho. Na realidade, convenço-me sempre mais que o mal-estar da mulher tem pouca relação com as condições nas quais ela é mantida, as injustiças. Falsos propósitos, talvez, que, no geral, ajudam-na a escapar do real drama que está antes da sua biologia, drama obscuro da inteligência que se encontra sempre a se chocar entre duas palavras-ações: dar vida ou dar morte.

Morte ou vida nas minhas veias? Vida ou morte no meu ventre, nas minhas palmas? A mulher talvez deveria matar e dar vida sempre. Ela sabe como se mata, porque sabe como se nasce. O homem mata sem saber, como um jogo abstrato, é por isso que, seja o filho que a filha, ambos estão unidos, na infância, por um único terror inconsciente, aquele pela mãe. A menina depois entende, na carne, que também ela terá o poder de matar como a mãe, e então se livra um pouco do terror, mas o menino, nunca.

Talvez seja somente por essa razão que o homem sinta a necessidade primeira de dominar a mulher; impedi-la antes que ela possa atacar.

Eu não tenho o poder de matar. Por natureza? Ou me foi tirado? Fato está que a ausência deste poder me tornou estéril. Mas deixemos disso.

É terrível sentir que não há vida onde não há morte, não há paz onde não há guerra, não há nascimento onde não há crime.

“O coração tem razões que a razão desconhece”.

Michel se suicidou com grande escândalo... porque não se suicidou na própria casa, mas na casa de uma amiga. Atenção: pode-se cometer suicídio, sim, mas somente na própria casa!

Michel, o último apátrida da Europa Central com a pupila de um escultor de diamantes: também os seus pensamentos concêntricos esculpam pedras negras.

Quando um amigo morre se sente dor também por vaidade infantil: um testemunho de quem você foi deixa de existir, e assim também um pouco de você desaparece.

Turim, poética e lúgubre capital dos suicídios, esta noite, em um bar, havia um mendigo com uma caderneta – quase como esta – que me pediu de escrever para ele uma frase e depois assinar. Em seguida me deu o seu endereço. É uma ideia.

Passar a vida – porque nem era muito velho nem muito jovem – a dar e a pedir o endereço dos outros.

Repensando, fazemos todos mais ou menos a mesma coisa.

Turim. Lúgubre e festiva, gentil e distante, a mais ao norte no céu, a mais ao sul nos seus cem balcões de ferro barroco e caprichoso.

O nosso hotel é vizinho ao beco das putas. É sempre a mesma história: Catânia, a mais ao sul e a mais ao norte da ilha, emerge nestes becos um pouco mais amplos e mais limpos daquele bordel infernal.

Henry James devia ser um grande jogador de xadrez, não há dúvidas. As emoções não são que “movimentos” de jogador com conseqüente frieza aos peões-personagens e lúcida atenção apenas ao movimento sucessivo.

A emoção em lê-lo é dada, acredito, da paixão seca, mas espasmodicamente ansiosa de cada jogador; ansiedade e curiosidade abstrata por uma ação sem fatos que quase roça o absoluto do tabuleiro vazio. Um jogo imaginado em solidão?

outubro de 1979

Vejo com apreensão que, desde maio, não abro mais este caderninho. Os dias se sucedem em fatos, mas, como em sonho, não há a possibilidade de fixá-los, e aquilo que temia se tornou real: devendo publicar, tive que sair de casa e isso para mim é horrível.

Não entendo mais, não consigo filtrar os pensamentos, tocar a vida e, o que é mais terrível, não consigo escrever uma linha. Eu sabia, mas, depois de dez anos de pausa feliz com meu trabalho e meu estudo, a angústia é tão grande a ponto de me fazer desejar às vezes morrer. E quanto durará?

Felizmente, tenho Angelo ao meu lado, mas acontece também que, se não o tivesse encontrado, nunca mais teria tentado publicar nada. Estou em Gaeta sozinha há dois dias e me sinto melhor do que quando ele estava. Ali mesmo, ontem, não entendia o porquê, mas hoje entendi: sem a sua presença esqueço a publicação e alcanço um pouco de serenidade. É absurdo, eu sei, e sobretudo injusto com ele que não tem nenhum “comportamento terrorista” sobre publicar, mas infelizmente, a esse ponto, todos me lembram que o meu dever é publicar, e é insuportável. Paciência, não se pode fazer de outra forma, paciência e esperar que dê certo, porque, desse jeito, tenho um verdadeiro vazio fora e dentro de mim.

Por sorte, estarei aqui ainda uma semana. Tudo é como antes, muito bonito e sereno, mas eu não consigo saborear essa serenidade senão ligeiramente, e mais que sentir é como se a recordasse. É como uma recordação forte de ternura que consegue, precisamente porque forte, me tocar; mas, no fim, não passa de recordação.

Recordar a própria vida não é vivê-la plenamente. Outras vezes me aconteceu, e não gosto, mas por ora é assim e devo ter paciência.

Somente hoje de tarde consegui ir a Gaeta Velha. Era belíssima, mas infelizmente estou nesse estado de “recordação” que me impede de aproveitar totalmente. Nessa manhã, estive no bar do capitão Mark. Fazia tempo que queria falar desse encontro extraordinário, mas tudo me é impossível.

Esse Mark, que aqui chamam capitão Mark, chegou ano passado a Gaeta. Não se sabe de onde. É exatamente como o último homem de Modesta e, como se não bastasse, chama-se também Mark! Se não tivesse terminado já há três anos *L’arte della gioia* poderia me confundir e pensar que esse Mark me tenha sugerido aquele de Modesta.

É quase inacreditável também para mim, mas é ele: Mark. Falarei sobre isso com o tempo. Sempre que puder voltar a trabalhar, trabalhar, trabalhar... Não quero outra coisa e, no entanto, não posso: é como uma condenação.

Lembro os anos de Modesta como qualquer coisa de maravilhoso. Um sonho esplêndido. Trabalhar nas suas aventuras me fechava em um baú quente, adorado; estreita naqueles pensamentos a maldita realidade restava distante. Maldita realidade.

Poder voltar a trabalhar sem a preocupação de dever publicar. Quase tenho vontade de chorar de raiva. Raiva, às vezes, de menina, às vezes, com ondas de depressão assim forte que a ideia de me deixar ir ao mar com duas pedras no bolso me apanha forte.

Não serei nunca capaz de lutar para impor o meu trabalho. Nunca. E todos repetem que é importante, que deve ser feito.

Será então verdade?

O remorso por não ter aceitado atuar com Lina me retoma nessa quarta-feira nublada de final de outubro. Podia fazê-lo? Claro que, financeiramente, resolvia alguma coisa. Sempre, tão dentro de mim, algo me faz recusar a vida. Recusar-se à vida ou à ação que a vida impõe desde quando minha mãe enlouqueceu naquele distante inverno de 42. O que eram os alemães, a fome, diante daquela loucura? Nada.

Aquela loucura me amputou e não poderei expulsá-la das minhas emoções.

O teatro com Lina significava oito meses em turnê pelo mundo interpretando uma velha louca pela dor de ter um câncer nas mãos. Podia fazê-lo? Claro, haveria pelo menos o dinheiro para sobreviver. Mas, teria conseguido?

O teatro foi minha juventude: podia voltar à minha juventude interpretando uma velha? Voltar à juventude no lugar de uma velha?

Mas por que sempre não conseguir agarrar, superar, deixar os outros para trás, pisoteá-los? O que há nesse terror de competir, combater, mostrar todos os talentos com que a natureza me presenteou e que eu desperdiço, desperdiço com remorso pela natureza e por mim mesma, mas que, todavia, não consigo usar, agir, desfrutar?

A morte afinal virá para pacificar essa minha luta irresolvida de não saber ser uma que “vence”. Não ousa olhar profundamente nesse terror de competir, porque sei que, fora das quatro paredes, encontrarei a mesma mulherzinha impotente de sempre.

É assim? Ou simplesmente a natureza me fez não agressiva e trêmula como um coelho? Também nascida homem me sentiria desse modo? Tudo é possível. Mas cada vez mais, infelizmente, o ser mulher é uma maldição, também nessa dúvida que traz sempre consigo. Dúvida que já somente o ser mulher contém, essa insegurança e incapacidade de enfrentar a vida. Em poucas palavras: a mulher é até mesmo proibida de ser uma verdadeira perdedora.

Tinha decidido não usar mais esse meio privado para falar comigo mesma, mas vejo, depois de poucos dias, que já peguei o vício de dispersar os meus pensamentos, sobre essas minutas folhas, da preciosidade de pétalas de camélia branca – sem perfume, mas não é verdade, também o papel tem um perfume. A esse ponto, não posso evitar, exatamente como o beber vinho e o fumo.

Bem. Aceito esse novo vício e peço imediatamente a Angelo de me comprar um outro. Não sendo um presente dele não teria o valor que tem.

Rito?

Claro. Esperar destruir todos os ritos é loucura. Alterá-los é sabedoria.